

## Mais que um “segundo violino”: os 200 anos do nascimento de Friedrich Engels

Agnaldo dos Santos

Sociólogo, professor de Economia Política na Unesp (campus Marília) e membro do Núcleo de Estudos D’O Capital (NEC-PT/SP)

**Resumo:** São reconstruídas, neste ensaio, as dimensões biográficas e as contribuições teóricas de Friedrich Engels, cujo bicentenário de nascimento é comemorado em 2020. São articuladas passagens famosas de sua vida (algumas pouco conhecidas, indicadas em biografias mais recentes) com suas contribuições originais para áreas como a economia política, a história, a antropologia e a filosofia.

**Palavras-chave:** Friedrich Engels; marxismo; socialismo

**Abstract:** In this essay, biographical dimensions and theoretical contributions of Friedrich Engels, whose bicentennial birth is celebrated in 2020, are reconstructed. Famous passages of his life (some of them not well known, mentioned in more recent biographies) are linked to his original contributions to areas such as Political economy, History, Anthropology and Philosophy.

**Keywords:** Friedrich Engels; Marxism; socialism

É bastante conhecida a frase de Engels, segundo a qual ele seria um “segundo violino” frente ao brilhantismo intelectual de Marx. Ele e os demais companheiros do velho Mouro seriam, no limite, “talentosos” diante do autor de *O Capital*. Apesar dessa incomum modéstia do parceiro de reflexão e militância por décadas do filósofo de Thiers, a participação de Engels na construção do arcabouço conceitual e político do marxismo vai muito além de uma discreta contribuição. Da mesma maneira que Charles Darwin e Alfred Wallace com relação à teoria da evolução ou, antes destes, Isaac Newton e Gottfried Leibniz e o desenvolvimento do cálculo diferencial, Marx e Engels chegaram aos *insights* da relação entre economia política e dialética hegeliana de forma independente, antes de iniciarem a firme amizade que duraria toda a vida.

De fato, o jovem filho de um eminente industrial prussiano, que possuía fábrica do ramo têxtil com filial em Manchester, epicentro da Revolução Industrial, era um excepcional autodidata. Apesar de toda pressão para cuidar dos negócios da família, adquiriu desde cedo uma curiosidade intelectual que o conduziu a leituras de filosofia, teologia, história bélica, economia política e ciências naturais. As vicissitudes da vida o fariam viver uma “dupla persona” como gestor industrial e militante comunista. E, sem sua fundamental contribuição, Marx teria encontrado bem mais dificuldades para desenvolver sua análise sobre o capitalismo.

Nessa efeméride de 200 anos de seu nascimento, ocorrido em 28 de novembro de 1820, temos mais uma oportunidade de mirar sua obra e de problematizar algumas polêmicas que envolvem um típico representante da *intelligentsia* oitocentista, repleto de romantismos e preconceitos característicos da época, mas que (junto a seu companheiro político) foi pioneiro em diversos ramos do pensamento ocidental. Neste opúsculo ensaístico, apontaremos de forma sumária sua contribuição não só na elaboração marxiana de *O Capital*, mas também nos debates sobre antropologia, urbanismo, ciências naturais e até feminismo, surpreendente para quem ficou conhecido ao longo da vida como um incorrigível galanteador.

## 1. Um cidadão do século XIX

Na esteira das comemorações dos 150 anos de *O Capital* e dos 200 anos do nascimento de Karl Marx, muitas biografias do Mouro foram lançadas e, como é de se esperar, todas reservam boa parte para falar de Engels. De fato, desde as publicações da II Internacional e da Social Democracia Alemã na virada do século XIX para o XX, passando pelo Instituto de Marxismo-Leninismo da antiga União Soviética, muita hagiografia foi produzida para enaltecer as duas figuras principais do socialismo moderno. Após o colapso do socialismo soviético, houve uma onda de intervenções públicas e produções bibliográficas que buscavam traçar uma linha

direta entre as ideias de Marx e Engels e a falência da experiência socialista, sendo o livro de Francis Fukuyama *O Fim da História e o Último Homem* (1992) o principal representante dessas críticas.

Além disso, a produção mais recente de biografias de Marx tem buscado “humanizar” as figuras dos autores do *Manifesto Comunista*, como representantes típicos do século XIX. Das biografias publicadas recentemente no Brasil, destacam-se *O Capital de Marx: uma biografia* (2007), de Francis Wheen; *Amor e Capital: a saga familiar de Karl Marx e o nascimento de uma revolução* (2013), de Mary Gabriel; *Karl Marx: uma biografia do século XIX* (2015), de Jonathan Sperber; *Karl Marx: grandeza e ilusão* (2017), de Gareth Stedman Jones; *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra* (2018), de Michael Heinrich; *O Velho Karl Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)* (2018), de Marcello Musto. É digno de nota também o longa-metragem *O Jovem Marx* (2018), de Raoul Peck, que faz uma boa cinebiografia relatando o início da amizade dos dois, mesmo que com pequenas licenças poéticas para facilitar o enredo do filme.

Esse conjunto de biografias de Marx, que tratam paralelamente da vida de Engels, possuem em comum o esforço de reconstruir o tempo histórico no qual os dois viveram, indicando as singularidades da Europa oitocentista. Mas possuem especificidades: enquanto Wheen escreveu um pequeno livro dedicado a mostrar o complicado processo de redação da obra magna de Marx, Gabriel destaca o papel das mulheres na vida de Marx (e Engels, durante a amizade de décadas e depois da morte do amigo), Sperber e Jones se esforçam para delimitar autores e obra ao século retrasado. Já Heinrich e Musto indicam a continuidade da época inaugurada nos 1800 em traços contemporâneos e a curiosidade incessante dos dois amigos, preocupados com o “estado da arte” até pouco antes de suas mortes. Sperber chega mesmo a descrever Engels como mero “discípulo” de Marx, e que tanto ele como a vulgata soviética teriam sido os responsáveis pelo desvirtuamento do legado marxiano.

Este tipo de acusação, de que Engels não teria sido fiel ao arcabouço crítico de Marx e, portanto, teria aberto as portas para a deturpação da obra do amigo, foi e ainda continua sendo muito comum entre os estudiosos. Mesmo Heinrich, que procura desmontar muitas injustiças relativas à análise do construto teórico-político dos dois amigos, reconhece que a edição dos volumes II e III de *O Capital* teve muito mais a mão de Engels do que o que o próprio reconheceu (Heinrich, 2016).

Mas o “General”, apelido dado pela família Marx, também teve seus comentaristas e suas biografias: além das que o santificaram no antigo bloco socialista<sup>1</sup>, e do clássico *Friedrich Engels: biografia*<sup>2</sup>, de Gustav Mayer, foi publicado por ocasião do centenário de sua morte o livro *Engels Today: a Centenary appreciation* (1996), organizado por Christopher J. Artur. Em português, *Engels, o Segundo Violino: centenário da morte de Friedrich Engels* (1995), de Osvaldo Coggiola, e *Friedrich Engels e a Ciência Contemporânea* (2007), organizado por Mauro Moura, Muniz Ferreira e Ricardo Moreno. Uma biografia mais recente é *Comunista de Casaca: a vida revolucionária de Friedrich Engels* (2010), de Tristram Hunt. Existem outros tantos artigos e livretos dedicados a ele, editados por partidos e organizações de esquerda.

O que as biografias e comentaristas da obra de Marx e Engels, mesmo com diferenças de abordagens, indicam em relação ao perfil do ativista e pensador alemão nascido na cidade de Barmen, atualmente um distrito de Wuppertal? Em todas, emerge um típico elemento da classe média alta prussiana do início do século XIX, inicialmente influenciado pela cultura calvinista da família, depois seduzido pelos ecos da Revolução Francesa e do romantismo<sup>3</sup>, em seguida capturado pelo neo-hegelianismo e pela crítica da religião e, por fim, abraçando o materialismo e o socialismo, por meio das leituras de economistas políticos e de filósofos franceses. Nesse sentido, Engels não difere muito do perfil de seu dileto amigo Marx, talvez com exceção da origem familiar judaica deste último (por sinal, uma cultura bastante amenizada pelo próprio pai Heinrich, que legou ao filho a admiração pelo Iluminismo). O importante é que ambos, ao se conhecerem, haviam chegado de forma independente a conclusões bem parecidas sobre a sociedade capitalista e a modernidade. Mas havia muitas diferenças de estilo entre ambos.

Enquanto Marx, filho de um advogado, seguia uma carreira que não diferia muito da de uma família de classe média da época, com vistas ao ensino universitário (abortado em função de sua militância política), Engels desde cedo se viu obrigado a romper com a tradição de uma família burguesa protestante. Não conseguiu de fato o rompimento completo, devido à constatação de que precisaria ter condições econômicas de se manter e ajudar o brilhante amigo sempre envolto em dívidas, e isso o fez ter uma vida dupla, como empregado da empresa do pai e como militante comunista. Também diferia do amigo por ter incorporado mais o espírito romântico e boêmio, uma vez que viveu por décadas uma relação conjugal sem registro (na verdade, um *ménage a trois* com duas irmãs operárias irlandesas), ao passo que Marx casou-se

---

<sup>1</sup> Mas que tinham a virtude de serem excelentes edições, em papel de boa qualidade e em capa dura, como a das Edições Avante-Progresso.

<sup>2</sup> Publicado originalmente nos anos 1930 e republicada pela Fondo de Cultura Económica, em 1978.

<sup>3</sup> Uma excelente obra a discutir romantismo e vinculações com o marxismo é *Revolta e Melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*, de Michel Lowy e Robert Sayre.

com sua paixão de juventude e com ela viveu toda a vida. Além disso, Engels pegou em armas e experimentou efetivamente as barricadas que marcaram a era das revoluções do século retrasado. Enquanto Marx padeceu de diversas enfermidades ao longo da vida, sendo famosos os furúnculos que o incomodaram enquanto escrevia sua obra mais famosa, Engels foi até a velhice com excelente forma física, e muita resistência ao álcool, do qual nunca abriu mão.

Todos os comentaristas e biógrafos concordam que esse estilo de vida era muito comum para as classes médias e as elites em uma era de emergência da modernidade, em que a cultura romântica pós Revolução Francesa permitia às pessoas letradas viverem um estilo crítico ao *status quo* mais facilmente do que no período do *Ancien Régime*. Mesmo as pretensões científicas dos 1800 não rompiam com as aspirações de liberdade individual da tradição romântica; ao contrário, eram sua consequência. Talvez essa tensão permanente entre o gestor empresarial e o militante comunista, o típico homem vitoriano (apreciador de caça à raposa e, como veremos, com traços machistas e eurocêntricos) e o crítico do patriarcado e do nascente imperialismo, explique, de forma dialética, sua obra, tão importante quanto a do amigo Marx. O percurso da vida de Engels ajuda a explicar muito sobre o conteúdo de sua obra.

## 2. Obras da juventude (1840-1850)

Havia, entre a intelectualidade alemã do início do século XIX, um amplo debate sobre a religião, a historicidade de figuras bíblicas (especialmente de Jesus) e os reflexos da obra de Georg W. F. Hegel tanto nestes assuntos quanto na política. Como os iniciados neste filósofo sabem, o seu complexo argumento, aqui simplificado, era o de que o movimento dialético do Espírito, entre teses e antíteses ao longo da história, culminaria na civilização e no Estado moderno. Enquanto os hegelianos conservadores usavam essa premissa para justificar o *status* político e para defender uma nação alemã unificada, uma ala mais progressista (“jovens hegelianos”) via em sua obra a oportunidade de questionar o estado de coisas e o que consideravam o seu alicerce, a religião.

Engels, que vinha de berço calvinista e era intelectualmente muito curioso, logo passou a ler e participar desse debate. Acaba se aproximando dos maiores expoentes dessa corrente, como os irmãos Bruno e Edgar Bauer, além Max Stirner e Ludwig Feuerbach. Enquanto os irmãos Bauer se notabilizaram pelos estudos de crítica teológica, representando uma das primeiras tentativas de negar a existência do Jesus histórico (para eles, uma criação da elite romana cristianizada), Feuerbach propunha a negação da religião como a oportunidade da humanidade encontrar sua verdadeira essência, alienada na figura divina. Stirner radicalizava

seu ataque à religião por meio de um individualismo hedonista, única forma de romper com a alienação religiosa, negando validade também ao ser genérico feuerbachiano, que substituiria Deus por outra construção abstrata, a “humanidade”. De uma certa forma, Stirner antecipou as abordagens pós-modernas do final do século XX, de questionamento e negação dos referenciais e categorias universais.

A oportunidade para Engels aprofundar seus estudos autodidatas (uma vez que o pai o desestimulava a ingressar na vida acadêmica) ocorreu quando foi prestar serviço militar em Berlim no ano de 1841. Passou a assistir aulas de Friedrich Schelling na Universidade Humboldt de Berlim, expoente do idealismo alemão que fazia críticas à abordagem dialética de Hegel. Nestas aulas, conheceu seu futuro adversário político Mikhail Bakunin. O primeiro encontro com Marx ocorreu em 1842, ao visitar a sede da Gazeta Renana, mas não foi um encontro muito amistoso, no qual Engels considerou seu futuro parceiro muito presunçoso.

Enquanto ainda estava preocupado com a crítica da religião, colaborando com Bruno Bauer, começou a ler sobre economia política, muito em função de seu contato com a classe trabalhadora em Manchester e o grau de miséria ali reinante. Conhece as irmãs irlandesas Mary e Lizzie Burns, que o apresentam ao mundo operário. Em 1844 escreve seu *Esboço para uma Crítica da Economia Política*, do qual Marx diria adiante ser tributário de vários *insights* teóricos, em especial o tratamento da teoria do valor-trabalho para a compreensão da exploração econômica. Os dois tornam-se amigos ao se reencontrarem na França em 1844, e no ano seguinte ele publica seu *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. Este livro é considerado um marco não só na literatura socialista, mas também na antropologia e nos estudos urbanos, pois foi fruto de uma investigação minuciosa que iria antecipar em alguma medida e inspirar a construção das metodologias etnográficas para estas áreas. Ele apontou como as condições degradantes de vida dos trabalhadores da Revolução Industrial condicionavam o desenho da cidade e suas relações cotidianas. Sem a ajuda das irmãs Burns, Engels jamais teria adentrado esse mundo inacessível aos bem-nascidos.

Com o aprofundamento da amizade com Marx, surge a necessidade de um acerto de contas com a abordagem filosófica dos jovens hegelianos, que ambos agora consideravam equivocada por travar uma batalha contra os “moinhos de vento” do idealismo. Entre 1845-1846 ambos escreveram dois livros que os fariam romper definitivamente com os jovens hegelianos: *A Sagrada Família (ou A Crítica da Crítica Crítica)* e *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Somente o primeiro encontraria editor e foi a público em 1845, enquanto o segundo teria sido deixado “à crítica roedora dos ratos”, e somente teria uma edição em 1933.

Nestas duas longas obras, Marx e Engels procuram desconstruir as premissas idealistas destes neo-hegelianos, que mesmo lançando mão de um posicionamento ateu, utilizavam uma abordagem materialista vulgar no qual o embate de ideias combateria a alienação da humanidade, vista de forma anistórica. A essa altura, os dois amigos já estavam convencidos de que as condições materiais de existência é que geram a perda da essência humana ligada à *práxis*, e não concepções idealizadas do ser humano. Nesse momento, também já achavam insuficiente a defesa republicana desses autores, com vistas a uma democracia liberal. De *A Ideologia Alemã*, ficou famosa a Tese XI (das *Teses Ad Feuerbach*): “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras; o que importa é transformá-lo”. Vale notar, contudo, que reflexões dessa época, como as de alienação e aquelas relativas ao papel social da religião, reaparecem em obras posteriores dos dois, ainda que sob uma abordagem materialista e dialética.

Em 1847, Engels e Marx ingressam na Liga dos Justos, um agrupamento político ainda com contornos jacobinistas, mais como um clube de socialistas, distante daquilo que concebemos hoje como partido político institucional. Conseguem mudar o nome da organização para Liga dos Comunistas. Engels escreve neste ano *Princípios de Comunismo*, obra preliminar ao texto que a Liga encomendou a ele e Marx. E, no início de 1848, em meio às revoluções populares que marcaram esse ano por toda a Europa, os dois publicaram o *Manifesto do Partido Comunista*, considerado um dos textos mais influentes da era moderna. Ali, encontramos a primeira abordagem mais sistematizada do materialismo histórico, e a definição da luta de classes como o princípio de transformação social. Também chama atenção a maneira como ambos viam o papel progressista do avanço do capital pelo mundo que, ao subjugar os resquícios de particularismos provincianos pré-capitalistas, engendra as condições para sua própria superação.

Da mesma forma que Marx e outros líderes envolvidos nas jornadas revolucionárias de 1848, Engels é expulso da França e, entre 1848-1849, vai à Bélgica e à Suíça, retornando para a cidade renana de Colônia. Envolve-se com o levante de Baden-Palatinado, que defendia uma constituição democrática para uma Alemanha unificada, mas após fugir da repressão vai para Londres.

O ano de 1850 marcou o início do “exílio” do General, que durante os vinte anos seguintes ficaria em Manchester trabalhando na empresa Ermen & Engels, pois seu pai precisava de alguém de confiança para acompanhar os sócios Ermen na filial inglesa. Teve que engolir seu orgulho e se submeter ao cotidiano maçante da indústria, de modo a não só se manter como também ajudar ao companheiro Marx, proscrito definitivamente da vida acadêmica. Por outro lado, a vida de gestor empresarial lhe abria portas a atividades que ele prezava muito,

como caça a raposa e frequentar clubes aristocráticos, além da vida noturna e, eventualmente, a companhia de mulheres profissionais do sexo.

Nesse ano de 1850, publica *As Guerras Camponesas da Alemanha*, livro no qual analisa o embate entre os anabatistas e os príncipes seguidores de Martinho Lutero, que haviam rompido com a Igreja Romana. No livro, aponta como as demandas dos camponeses, em luta contra os príncipes alemães entre 1524-1525, eram impossíveis de serem atendidas no contexto de transição do feudalismo para o capitalismo. Seu líder, o teólogo Thomas Müntzer, estava condenado a radicalizar sua retórica contra Roma e contra Lutero, sem as condições materiais para uma ação revolucionária vitoriosa. Estima-se que entre 100 mil e 300 mil camponeses foram massacrados e mutilados, e Müntzer foi capturado, torturado e decapitado. Em que pese o julgamento de Engels sobre a inviabilidade milenarista da revolta, manteve seu interesse sobre a história do cristianismo, que julgava uma ideologia contra o *status quo* da Antiguidade, que tinha muito a inspirar o moderno movimento operário.

Apesar do seu ofício lhe manter preso ao escritório em Manchester neste período subsequente, Engels manteve sua postura autodidata e colaborou com Marx na elaboração de artigos para a imprensa europeia e estadunidense. Esse será o período de elaboração da obra magna do amigo, *O Capital*, do qual Engels será colaborador e crítico, com o qual Marx contava frequentemente.

### 3. O período da maturidade (1850-1870)

Entre 1851 e 1859, Engels inicia estudos sobre língua e cultura russas e eslavas, sobre a Pérsia e outros países orientais, inglês arcaico e gótico. Também passa a aprofundar estudos sobre ciências naturais e recebe com entusiasmo a publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin. Ainda em 1852 publica *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, que havia sido encomendado pelo New York Daily Tribune, e que marcaria a colaboração de Engels e Marx ao periódico estadunidense durante essa década. Ali, ele discute as vicissitudes da revolução de 1848 nos estados germânicos e as características das demandas por uma nação alemã unificada, das mais democráticas às mais reacionárias.

Publica artigos sobre conjuntura política alemã e europeia para outros periódicos, como *Putman* e *New American Encyclopaedia*, na qual versa sobre temas militares, mostrando sua *expertise* sobre o tema. Nesse meio tempo, mantém intensa correspondência com Marx, pela qual repassa dados sobre a atividade industrial e a bolsa de valores britânica, sobre o cotidiano da gestão fabril e sobre a reinterpretação que ambos estavam fazendo sobre a teoria do valor-

trabalho de Smith e Ricardo. Junto a familiares e amigos próximos, passa a pressionar Marx pela publicação do Livro I d' *O Capital*, que só seria publicado em 1867. Além das enfermidades constantes e das crises financeiras, nas quais o amigo Engels ajudava frequentemente, Marx procrastinava o lançamento tanto pela curiosidade intelectual, que o fazia entrar em outros estudos e paralisar a conclusão do livro, como por querer uma solução robusta para a teoria da mais-valia que não fosse facilmente refutada pelos economistas liberais.

A década de 1860 se inicia com a Guerra de Secessão nos Estados Unidos e com a abolição da servidão na Rússia, dois países que vinham crescendo no interesse dos dois amigos revolucionários. Mas Engels sofre um baque em 1863: a morte de sua companheira Mary Burns. Foram ela e sua irmã Lizzie que abriram as portas do mundo operário para Engels, apresentaram a ele e Marx algumas lideranças operárias, e que comungavam com ele um espírito libertário nos costumes.

A relação conjugal havia lhes custado muitas acusações de “hipocrisia” e muita desaprovação, não apenas por não terem oficializado a união, como também por serem de classes sociais distintas, além da presença da irmã que era igualmente apaixonada por Engels, com a ciência de Mary. Apesar de oficialmente terem o consentimento dos amigos Karl e Jenny, algumas cartas sugerem que os dois não viam aquela relação com naturalidade. E a frieza de Marx, ao responder à carta do amigo que lhe comunicou o falecimento da companheira, levou à primeira reprimenda do General ao Mouro após anos de amizade. Mas, após um (raro) pedido de desculpas feito por Marx, o nível de confiança entre os dois foi restabelecido.

Em 1864, eles participam da criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT ou I Internacional), organização que buscava articular as diferentes forças operárias e socialistas da Europa, com vistas a chegar também na América. Existiam diferentes agrupamentos políticos em seu seio, desde remanescentes do cartismo e do cooperativismo britânico, passando pelos herdeiros de Proudhon na França, pelo anarquismo de Bakunin e pelos seguidores de Lassalle na Alemanha, que pregava um socialismo por meio da unificação e do fortalecimento do Estado germânico. Marx e Engels vão se empenhar em garantir a hegemonia de sua posição política frente a essas outras vertentes, e não tardou para que entrassem em guerra aberta com Bakunin e, indiretamente, com Lassalle.

No ano da publicação d' *O Capital*, 1867, Engels e Marx estreitam relações com August Bebel e Wilhelm Liebknecht, líderes da social-democracia alemã que seriam os articuladores do futuro Partido Social Democrata alemão (SPD). Ocorre em 1868 o Congresso da AIT em Bruxelas, e Engels está empenhado em divulgar *O Capital* por meio de artigos e resumos na imprensa socialista.

Após anos de negociação decorridos da morte do pai em 1860, Engels vende a parte de sua família na empresa aos irmãos Ermen, em junho de 1869. De acordo com Eleanor, a filha mais nova de Marx, ele brindou seu desligamento definitivo da empresa com uma boa garrafa de vinho, e saiu da empresa com uma quantia de 12.500 libras esterlinas (hoje seria algo próximo a 3 milhões de dólares). Os biógrafos estimam que ele poderia ter conseguido um valor maior, dado o patrimônio da empresa (Hunt, 2010, p. 269), mas resolveu aceitar mesmo assim, para não alongar sua permanência no que considerava um martírio. Deixa Manchester em 1870 para se instalar definitivamente em Londres, onde, junto a Marx, dedica-se finalmente apenas à militância.

#### 4. Do Segundo Violino ao Grande Lama do socialismo (1870-1895)

Se a década anterior se iniciara sob o signo da carnificina da Guerra de Secessão nos Estados Unidos, a década de 1870 também se iniciou com outra: a Guerra Franco-Prussiana e a Comuna de Paris. Por meio do Conselho Geral da AIT, Marx e Engels promovem ampla defesa da república francesa após a derrota de Napoleão III para a Prússia e o fim do seu regime imperial. Neste ano de 1870, Engels publica sua *História da Irlanda*, onde há sugestões de que tanto ele como Marx já relativizavam, àquela altura, a influência progressista do avanço do mercado capitalista na periferia do sistema.

Quando a população parisiense se rebela, em março de 1871, dando início ao efêmero governo de três meses da Comuna, os dois amigos estão empenhados não só na defesa dos trabalhadores por meio da imprensa, como também do socorro aos sobreviventes do massacre que conseguem fugir da França. Apesar dos números oficiais indicarem que o conflito rendeu mais de 7.500 mortos e sepultados, sendo 6.677 só de comunardos, as estimativas mais realistas apontam para números entre 17.000 e 35.000 mortos<sup>4</sup>. Tanto Marx como Engels e a Internacional foram responsabilizados pela imprensa conservadora europeia pelo episódio francês, apesar da influência de seus partidários ser minoritária na Comuna, e os erros cometidos por ela terem sido registrados com ênfase em *A Guerra Civil na França*, de Marx. A hegemonia do movimento parisiense era composta por bakuninistas, proudhonistas, blanquistas e jacobinos radicais. Mesmo apoiando publicamente os comunardos, Marx e Engels foram muito duros na avaliação negativa da derrota, creditada em grande medida ao voluntarismo dessas correntes.

---

<sup>4</sup> Vide “Revisitando a Epopeia, sob o Olhar do Massacre: a Comuna de 1871”, de minha autoria, para a revista **Mouro**, nº 11, 2017, pp. 273-281.

Após muitos embates entre anarquistas e socialistas, a Internacional delibera, em seu Congresso de Haia, expulsar Bakunin em 1872.

Mas a derrota da Comuna e os conflitos no seio da Internacional levaram à transferência de sua sede para os Estados Unidos, Nova Iorque, porém ela foi dissolvida quatro anos depois, em 1876. Não havia consenso entre as diversas forças que compunham a Internacional de que ela deveria ser um partido de atuação mundial centralizado no Conselho Geral. Mesmo a expulsão de Bakunin não arrefeceu as correntes mais críticas ao centralismo, por isso Marx e Engels conscientemente levaram a organização ao definhamento, com vistas a uma futura reorganização.

Os dois companheiros sentiam que era necessário continuar o embate no meio socialista contra as posições que consideravam equivocadas e daninhas, como a dos anarquistas, lassalianos e outras correntes. Um autor que parecia ser perigoso para a corrente marxista era Eugen Dühring, professor da Universidade de Berlim que exercia forte influência entre o recém-fundado Partido Social Democrata alemão, inicialmente até entre alinhados a Marx e Engels, como Bebel e Liebknecht e um jovem que seria crucial nos embates futuros do movimento socialista: Eduard Bernstein. O autor propunha um “sistema” que realizasse uma amálgama entre ciências naturais, história, economia e filosofia, questionando a inspiração hegeliana do método dialético. Engels começa a ler a obra de Dühring em 1868, e percebe junto com Marx a necessidade de responder às suas proposições.

De fato, o *Anti-Dühring - A revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring*, de 1878, é fruto de uma série de artigos publicados por Engels entre 1876 e 1877 no *Vorwärts*, jornal do SPD. É um livro dividido em uma introdução e três seções (filosofia, economia política e socialismo). A obra pretendia fazer a disputa política naquela conjuntura específica, mas acabou se transformando em uma “porta de entrada” ao marxismo para as novas gerações, e por isso foi fruto de muitos debates ao longo do século XX. Como a II Internacional e a vulgata soviética privilegiaram textos como o *Anti-Dühring* e *Dialética da Natureza* (de que trataremos a seguir), sem os contextos necessários, esse livro de divulgação das teses gerais do materialismo histórico sofreu diversas críticas, talvez a mais famosa feita por Georg Lukács em seu *História e Consciência de Classe* (1923). José Paulo Netto lembra, contudo, que Marx não só concordou com o teor geral do livro, como ajudou na elaboração da parte econômica de *Anti-Dühring*. Por outro lado, Engels e Marx tinham suas peculiaridades e, como apontou Florestan Fernandes, o General apresentava “luz própria” (Netto, 2015, p. 27).

Ainda no ano de 1878, Engels sofreu outra perda muito sentida: sua companheira Lizzie Burns, irmã de Mary. Enquanto Mary e Engels resolveram não oficializar a relação em cartório,

por convicção, o velho General acabou propondo a Lizzie, já no leito de morte, a oficialização do matrimônio. O revolucionário, de espírito rebelde e *bon vivant*, resolveu prestar a última homenagem à sua segunda companheira de uma forma bastante convencional. Dessa vez, toda a família Marx participou do luto do amigo de longa data.

Em 1880, Engels organiza um texto, baseado no *Anti-Dühring*, que ficou conhecido como *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, com prefácio de Marx. Este livro ajudou a divulgar ainda mais as teses marxistas e a diferenciá-las das demais correntes socialistas, ainda que tenha forçado um pouco a mão na categorização de “utópica” das correntes anteriores. Como lembrou Paul Singer em seu *A Utopia Militante* (1998), correntes como o cooperativismo propunham soluções bem concretas para problemas cotidianos dos trabalhadores, ainda que escorregassem no discurso da moral e do modelo ético para resolver os problemas do capitalismo. Nesse mesmo ano, Engels passa a ter uma relação de maior proximidade com Karl Kautsky e Eduard Bernstein, dois importantes quadros da social-democracia alemã e que serão protagonistas de fortes embates com Lênin, Rosa Luxemburg e a ala revolucionária do socialismo europeu, no início do século XX.

Os anos de 1881 e 1883 também foram muito duros para Engels, pois viu a morte precoce de Jenny Longuet, a filha mais velha de Marx, e a do próprio Mouro dois anos depois. A essa altura, Engels (que vivia como um rentista) era o porto seguro financeiro não só da família Marx, mas também de uma família extensa. Além dos genros de Marx, em especial Paul Lafargue (marido de Laura) e Eduard Aveling (companheiro de Eleanor), que viviam em situação econômica tão complicada quanto a do sogro, o General acabou tomando para si a responsabilidade de cuidar da sobrinha de Lizzie e seu esposo, o qual possuía um perfil aventureiro bem semelhante ao dos genros do Mouro. E ainda havia o filho que ele assumiu, Frederick Demuth, mas que todos os biógrafos apontam como sendo de Marx e de sua governanta Helene Demuth.

Quando Kautsky se divorciou, sua primeira esposa Louise passou a ser governanta da casa de Engels, indo morar com seu novo marido. O curioso, nesse caso específico, foi que o General deu uma reprimenda em Kautsky por trocar sua antiga companheira por uma mulher mais nova. Sinal de que o antigo *bon vivant*, que no passado chegou a cortejar esposas de adversários políticos por vingança, ia dando espaço, aos poucos, a um senhor ligeiramente mais conservador nos costumes. Havia, desse modo, um verdadeiro séquito que circundava o velho Engels, e ele apreciava muito essa quantidade de pessoas circulando em sua casa na Regent's Park Road, ainda que isso lhe custasse muito dinheiro.

Engels lança em 1884 outro livro bastante famoso, *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, pautado em várias leituras que ele e Marx já vinham fazendo de antropologia e arqueologia. No caso deste livro, a influência direta foi de Lewis Morgan e seu *Ancient Society* (1877), que sugeria estágios desde a selvageria, passando pela barbárie e, por fim, a civilização. Ou seja, estava inscrito no paradigma evolucionista muito comum na segunda metade do século XIX. No entanto, Engels aproveita a abordagem evolucionista de Morgan para problematizar uma das principais instituições da modernidade: o casamento monogâmico. Antes, no *Manifesto*, ele e Marx já haviam indicado a hipocrisia do discurso burguês quanto à acusação da “comunidade de mulheres comunistas”, quando na verdade eram a proletarianização e o empobrecimento que levavam as mulheres à prostituição. Agora, ao estudar as formações sociais da Antiguidade, apontava como boa parte daquelas culturas eram matrilineares - com destaque, portanto, à centralidade política das mulheres-, além da liberdade sexual para ambos os sexos por meio da poligamia. Assim, além de historicizar uma instituição considerada por muitos até hoje como natural e perene, indicou também vínculos estreitos entre a dominação de gênero, a ascensão da propriedade privada e o domínio de classe por meio do Estado. De fato, sua própria biografia e o envolvimento afetivo com mulheres combativas ajudam a compreender como um antigo conquistador produziu uma obra até hoje saudada por muitos feministas de esquerda.

No ano anterior, 1883, ele começou a escrever um livro que não conseguiu concluir em vida, o já citado *Dialética da Natureza*, que só viria a público em 1927. De fato, a missão de organizar os manuscritos de Marx para publicar os livros II e III d’o *Capital* lhe tomava um tempo enorme, e mesmo sua impressionante capacidade de produção não permitiu que ele terminasse algumas de suas próprias obras<sup>5</sup>. Especificamente sobre *Dialética da Natureza*, o General buscava uma abordagem articulada sobre o estado da arte das ciências da natureza naquele momento, mostrando como a mutabilidade encontrada na natureza tinha similaridades com o desenvolvimento histórico. De fato, após publicado, muita gente dentro e fora do meio acadêmico não hesitou em encontrar inconsistências e equívocos na obra, colocando-a taxativamente como material superado. É curioso, como lembra Hunt (2010, p. 319), que Bernstein tenha apresentado os manuscritos do livro a Albert Einstein e ele, mesmo apontando algumas imprecisões matemáticas, tenha gostado. Com anedotas sobre mesas espíritas em Londres e reafirmando a primazia da matéria sobre o mundo ideal, a abordagem de Engels conseguiu, contudo, sobreviver até às mais recentes teorias cosmológicas, quando apontou que o universo tenderia a crescer infinitamente e esfriar.

---

<sup>5</sup> Por exemplo, Kautsky terminou e publicou sem assinatura o texto iniciado por Engels intitulado *O Socialismo Jurídico*, em 1887.

Como companheiro de Marx e principal teórico vivo do materialismo histórico, no final do século XIX, ele gozava da fama de um verdadeiro sacerdote religioso, um “lama”, como alguns brincavam ao se referir ao morador da 122 Regent’s Park Road. O fato de falar e ler em diversos idiomas, do russo ao português, fazia sua caixa postal ficar abarrotada de correspondência socialista do mundo todo. Mas um certo alívio só veio mesmo quando Engels conseguiu publicar os dois volumes d’o *Capital*, o último saindo em 1894.

Da mesma forma que o *Anti-Dübring*, a publicação dos livros II e III d’o *Capital* desencadeou um debate posterior sobre interferências e interpolações do General na obra do Mouro. Por um lado, sempre se lembra que ambos partilharam uma amizade e militância de quatro décadas, o que garantia a Engels enorme autoridade na interpretação da obra do amigo. Além do mais, apenas as filhas de Marx e Engels compreendiam os garranchos nos manuscritos deixados pelo Mouro. Mas estudiosos, como Heinrich, ponderam que Engels só era consultado por Marx em questões específicas sobre gestão empresarial, uma vez que o primeiro ainda estava preso à labuta na empresa do pai, morando em Manchester, enquanto Marx estava em Londres. Mesmo com intensa troca de cartas, não era possível consultar o amigo para muitas questões, e Marx tinha que enfrentá-las sozinho. Além disso, o Mouro era autocrítico e revia muitas vezes seus escritos, por isso não teve oportunidade de discutir esses dilemas com seu amigo de maneira intensa (Heinrich, 2016, p. 30). Por conta dessas peculiaridades é que boa parte dos argumentos presentes nesses livros póstumos de Marx são atribuídos mais ao amigo do que a ele próprio.

Mesmo com a sobrecarga de trabalho, Engels conseguiu também lançar em 1894 uma *Contribuição à História do Cristianismo Primitivo*, bem como um texto sobre a *Questão Camponesa na França e na Alemanha*. Em 1895, seu último ano de vida, redige o que ficou conhecido como seu testamento político, o novo prefácio para *Lutas de Classe na França*, escrito por Marx em 1850. Pois neste prefácio, além de fazer um balanço das lutas operárias das décadas anteriores, ele sugere que a ação revolucionária poderia ser combinada com uma ação eleitoral, tendo como exemplo o crescimento da social democracia alemã. Ali também, mais uma vez, ele tece paralelos entre o caráter subversivo do cristianismo primitivo e o moderno movimento operário, como já havia sugerido no seu *Guerras Camponesas*, de 1850. A influência dessa abordagem foi tão significativa que Karl Kautsky, Rosa Luxemburg e Antonio Gramsci também escreveram seus livros e manuscritos sobre o cristianismo, anos depois.

O velho General dizia aos amigos que gostaria apenas de dar uma olhada rápida no novo século que se avizinhava, antes de partir. Quase conseguiu. Mas um câncer de garganta, provavelmente decorrente de anos de tabaco e de boêmia, lhe tirou essa oportunidade, antes de completar 75 anos. Conforme sua vontade, seu corpo foi cremado e suas cinzas foram jogadas

no Canal da Mancha, dos penhascos de Beachy Head. De um lado, seu último pedido era coerente com a perspectiva materialista de que voltaremos todos a ser poeira de estrelas. De outro, manteve sua lealdade de “segundo violino”, sem uma lápide em cemitério para fazer sombra à do seu velho amigo.

### Obras de Referência

GABRIEL, Mary. *Amor & Capital - A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

HEINRICH, Michael. “A edição de Engels do Livro 3 de *O Capital* e o manuscrito original de Marx”. *Crítica Marxista*, nº 43, pp. 29-43, 2016.

HUNT, Tristram. *Comunista de Casaca: A vida revolucionária de Friedrich Engels*. Rio de Janeiro, Record, 2010.

JONES, GarethStedman. *Karl Marx - Grandeza e Ilusão*. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

NETTO, José Paulo. “Apresentação”. ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring - A revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring*. São Paulo, Boitempo, 2015.